

Stadium

N.º 346
20 de Julho de 1949
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

A VISITA DO SPORTING A
SUECIA PRESTIGIA O FUTE-
BOL PORTUGUES — No pri-
meiro desafio, contra o A. I. K.,
os sportingistas impuseram logo
a sua classe. Em cima — Vasquez
antecipa-se ao guarda-redes e
marca o ponto de honra. Em
baixo — Os homens do Sporting
cativaram o publico, conduzindo,
o volta do rectângulo, estendidas
as bandeiras nacionais
de Portugal e da Suecia



O ESTILO

dos atletas americanos

ANALISADO E COMENTADO

pelo Dr. SALAZAR CARREIRA

(Uma imagem vale mil palavras. — Confúcio)

I — J. FUCHS, lançador do peso

MARCA alcançada em Lisboa, 17,37, seu recorde pessoal e 3.ª marca mundial (Fouville, 17,685; Torrance, 17,40). Apenas mais quatro atletas, todos também americanos, atigiram os dezasseis metros.

Fuchs é um atleta poderosíssimo, de formidável musculatura nas coxas e rapidíssimo (10,8 s. nos 100 metros); todos estes elementos aproveitados na eficácia da projecção do peso.

Foto 1.ª — Posição inicial.

A notar: tronco fletido à direita, de forma que todo o peso assenta sobre a perna desse lado; eixo dos ombros no sentido do lançamento; a mão que segura o peso (na chave da mão e amparado aos lados pelo polegar e pelo mínimo) não está apoiada no ombro mas sim levantada de maneira que o ângulo do antebraço com o braço esteja, durante esta fase de concentração muscular em descontração, suficientemente aberto para não forçar a pressão sobre o bicipite.

A perna esquerda está estendida em abdução lateral, no prolongamento do eixo do tronco, apoio ligeiro da ponta do pé.

É a fase preparatória da deslocação anterior de balanço, na qual Fuchs não executa os balanceamentos e oscilações da perna esquerda, habituais nos lançadores portugueses, mas apenas pequenas elevações do pé esquerdo, em ritmo certo e em progressivo avanço do ponto de contacto da ponta do pé com o solo, certamente em busca do ponto de desequilíbrio que aproveita para aplicar a impulsão fulminante da perna direita (coxa assentadamente mais forte) que o leva num salto rapidíssimo à outra extremidade do diâmetro, onde vai começar a projecção do peso.

Fig. 2 — Posição de queda após a deslocação no círculo, início da manobra de projecção.

A notar: durante a deslocação, o tronco caiu mais sobre a direita (ombro direito mais baixo do que o esquerdo) e a cintura escapular rodou para a direita e para traz; a cabeça fletiu à retaguarda e o braço esquerdo prepara a chicotada para traz.

Importante: a mão que segura o peso veio para cima do ombro, por flexão do pulso e elevação do cotovelo, que está à altura da linha escapular.

Ambos os joelhos fletidos, pés bastante afastados, coxas ainda descontraídas, pés bem assentes no solo.

Fig. 3 — Impulsão do peso.

Dos pés à cabeça, todo o atleta empurra a esfera de ferro. A perna anterior, esquerda, está estendida para servir de escova à força impulsiva, cujo fulcro se encontra na anca respectiva.

A perna direita exerceu ao máximo a sua acção impulsiva, aproveitada até à extensão do pé, já apenas em apoio pela extremidade digital. A impulsão do membro inferior direito empurrou a bacia para diante, colaborando na intervenção dos dorsais e lombares — extensão e distensão do tronco. O ombro direito vem à frente, em movimento propulsivo, ajudado pelo recuo enérgico do braço



O SEGREDO DOS AMERICANOS

PERANTE os extraordinários resultados obtidos pelos atletas americanos e a facilidade de execução demonstrada, muitos terão sido os espectadores a perguntar a si próprios, que misteriosos processos, que segredo precioso conhecem os treinadores estado-unidenses para levar os seus pupilos a tão grandes perfeição e poder.

No entanto, sob o ponto de vista técnico, à parte meros pormenores que são sobretudo características pessoais os campeões visitantes nada nos mostraram que não soubéssemos já; simplesmente com perfeita execução e com preparação levada a fundo.

Não há segredo nem mistérios na acção dos treinadores americanos; há, sim, uma fundamental diferença entre a preparação dos atletas americanos e a dos portugueses ou, generalizando, da maioria dos europeus.

A situação difere-se numa fase que encontramos numa revista francesa que se queixava do mesmo mal que nós: nos Estados Unidos, um rapaz com 17 anos, — que no nosso país é um estreante — conta dez anos de aprendizagem e experiência; nada há de extraordinário em que obtenha resultados sensacionais, porque não existe comparação possível entre a sua preparação e a de um português da mesma idade. O primeiro treina-se, na verdadeira acção da palavra, ao passo que o outro apenas inicia a sua preparação.

Nos Estados Unidos, as crianças dos sete aos doze anos, a par da instrução primária gratuita e obrigatória, consagram diariamente uma hora aos jogos e desportos, sem compelições nem treino físico adequado, mas sob a forma de exercício individual para assimilação das mil maneiras de correr, saltar ou lançar, jogar o basquetebol, o voleibol, etc., todos os desportos imagináveis e que, levando em consideração a sua idade, ele está em condições de praticar brincando.

Aos treze anos, ingressando na High School, o rapaz passa das mãos do professor de educação física para as do treinador desportivo, com o qual trabalha até ser admitido na Universidade. Já, então, é um desportista perfeito, sem haver corrido o risco de especialização prematura, pois os alunos das escolas secundárias são obrigados a praticar durante o ano cinco desportos diferentes.

Na Universidade, o estudante ocupa duas horas por dia com o seu treino desportivo, sendo o programa de estudos elaborado em conformidade.

É tudo, em sùmula. Eis o segredo da mocidade forte, triunfante, dos Estados Unidos da América do Norte.

SALAZAR CARREIRA

esquerdo, a imprimir movimento rotatório à cintura escapular. O recuo do braço esquerdo é assentadamente descendente, para que o avanço do ombro direito seja simultaneamente ascensional (trajectória helicoidal).

O braço direito estende-se, cotovelo para fora, mão colocada por detrás da esfera.

Fig. 4 — Saída do peso.

Tudo o atleta está em extensão, para largar o peso o mais alto possível e para o empurrar até ao fim.

A acção da perna direita terminou e todo o esforço do corpo se apoiou sobre a esquerda, em completa extensão. O lançador está de frente para o campo de projecção, ombro direito francamente mais elevado; o ângulo de projecção aproxima-se dos 60.º

Os dedos acompanharam o peso e o pulso estendeu a mão ao prolongamento do antebraço, ajudando assim a saída do peso no sentido conveniente, sem perda de força viva por escapatória lateral.

VITÓRIA DE GUIMARÃES

O Vitória Sport Clube, que o vulgo popularizou como «Vitória de Guimarães», voltou a conquistar posição de relevo no Campeonato Nacional de futebol. Neste último, ocupou mesmo uma posição muito privilegiada. É a equipa que se vê, na tabela da classificação final, às duas primeiras posições — o trio B. S. B., F. C. do Porto e Estoril Praia.

Abstrahido o F. C. do Porto — de há muito com um lugar à parte nesta questão — o Vitória de Guimarães é o primeiro clube da Província, desta vez isolado e superando um grupo lisboeta — o Atlético. No ano passado, com menos dois pontos, o Vitória classificou-se em 7.º lugar, em igualdade com o «Elvas», e atrás da turma alcantarense.

Os vimeirense foram dos poucos que, neste último campeonato, mar-

caram mais golos do que no anterior. A estatística, neste capítulo, apresenta-nos os seguintes números: Sporting, mais 8; Vitória de Guimarães e Belenenses, 3; e Vitória de Setúbal, um apenas.

A «defesa» apresenta também um sintoma de progresso. No torneio de 1947-48; 56 golos sofridos; de 1948-49; 50 golos. É já conhecido que a «defesa» vimeirense está muito bem cotada entre as melhores do país. Foi a 5.ª no «Nacional» findo, logo a seguir ao Benfica, Sporting Belenenses e F. C. do Porto. No capítulo de golos marcados é superada, além destes quatro, pelo Estoril, Olinhense e Sporting da Covilhã.

Os 47 golos do Vitória de Guimarães foram obtidos por Franklin (13), Teixeira da Silva (10), Custódio e Joaquim Teixeira (8), Rebelo (5), Briso (3).

A equipa

Assinalamos no ano passado, em idêntica série de artigos, a surpreendente inconstância da formação da turma vimeirense. Os defesas central e esquerdo e o avançado-centro alinharam sempre no mesmo posto. Todos os outros, especialmente os médios e os avançados permutaram de lugares, com passmosa frequência.

Na presente época, cremos que o panorama não diferiu muito. Vimos Teixeira da Silva a avançado-centro e a «médio volante», Custódio à ponta e a interior, Joaquim Teixeira, idem, etc.

Até que ponto estas constantes mudanças podem influir no rendimento global da equipa, não sabemos. A verdade é que o Vitória de Guimarães, mormente fora de casa, é equipa que marca pouquíssimos golos, mas consegue ficar à frente das da Província! Também é verdade que muito concorreu para a sua destacada classificação final, o excelente comportamento nos jogos «em casa». O Vitória de Guimarães manteve-se, até à última jornada, na posição de invicto no seu campo. No derradeiro desafio sosobrou contra o Sporting desfalcadíssimo, perdendo assim um recorde certamente invulgar na história da prova.

Indivualmente, há um ou outro nome a destacar. Deve frisar-se, contudo, que a equipa do Vitória é das mais homogêneas, e na generalidade, todos os jogadores actuam num nível equiparável.

No princípio do campeonato, foram os extremos que mais se evidenciaram.

Franklin foi, durante algum tempo, um dos melhores marcadores da prova, metendo bolas com notória regularidade. Custódio, novo «recruta» do Vitória, teve uma estrela auspiciosa, e é natural que dentro em

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA ROSA 252-1.º

Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMÃO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVAPropriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

breve seja um autêntico «as» no futebol minhoto.

Outro elemento estrepante foi Teixeira da Silva, o avançado-centro do Belenenses. Fisicamente bem dotado e combativo sem excessos, Teixeira da Silva pode fazer um bom lugar em Guimarães, especialmente se melhorar a sua presente técnica.

António Curado continua a ser o estelo da equipa. O seu acerto reflecte-se no comportamento dos seus companheiros laterais, todos eles com um sentido de recuperação bastante louvável.

Inegavelmente, com tão bons valores individuais, o futebol minhoto pode apresentar uma equipa que não deslustraria ao lado das melhores formações regionais...

A Taça de Portugal

O Vitória de Guimarães, que foi já finalista nesta emocionante prova, foi desta vez eliminado nos «oitavos de final», frente ao F. C. do Porto, e em Guimarães. Na primeira eliminação voltou a triunfar do Estoril Praia, ao qual infligiu no Campeonato Nacional a mais nítida derrota dos «amarelos» (4-1).

VASCO SANTOS

Em plena "Semana da Nataçao"

ESTAMOS em plena «Semana da Nataçao», bela e frutuosa iniciativa da Federação Portuguesa que remonta a 1937 — ano em que o acontecimento se rodeou, por sinal, de assinalado brilhantismo — e que nas duas temporadas temido também a útil colaboração da Associação de Nataçao de Lisboa.

Nunca é demais colocar no devido relevo a utilidade da «Semana», tanto mais que o pensamento que presidiu à sua realização há mais de dez anos, mantém perfeita actualidade. A «Semana» tinha — e continua a ter — antes de mais, como primordial finalidade, a propaganda do mais útil e salutar de todos os desportos. A propaganda não só da nataçao como desporto de competição, mas principalmente como exercício físico, como actividade desinteressada — o nadar pelo prazer de nadar. E nesse sentido se tem desenvolvido em anos sucessivos larga propaganda através da Imprensa e da Rádio.

A «Semana da Nataçao» de 1949 foi lou-se no domingo último com o «Festival de Homenagem à Imprensa e à Rádio». Abriu, pois, da melhor maneira ou seja com o público «gratuito», por parte dos dirigentes da nataçao às entidades que, com mais eficiência, tão amavelmente têm colaborado por diversas formas e em diferentes oportunidades na tarefa sempre árdua e quantas vezes ingrata da propaganda. Na pretérita segunda-feira foi proferida ao microfone da Emissora Nacional uma palestra de propaganda da nataçao, onde em breves palavras se disse das inúmeras vantagens deste desporto, das suas belezas e atributos humanitários. Ontem, ao microfone de

Rádio Clube Português, e hoje, por intermédio de Rádio Renascença, igualmente foram e serão pronunciadas palestras nos moldes da proferida na nossa estação oficial.

Amanhã, pelas 21 horas, realiza-se a primeira jornada dos Campeonatos Regionais no estádio náutico do S. A. D., em organização da Associação de Nataçao de Lisboa. Na sexta-feira, a direcção da Federação Portuguesa de Nataçao, recentemente empossada, apresentará cumprimentos na Direcção Geral de Desportos e na Câmara Municipal de Lisboa. Para sábado, no Pavilhão dos Desportos Náuticos, em Belém, está marcada uma sessão em que serão exibidos vários filmes de propaganda da nataçao, cedidos pela embaixada americana, os quais serão precedidos de uma palestra. E finalmente no domingo à tarde, de novo no estádio náutico do S. A. D. a segunda jornada dos Campeonatos Regionais.

Como oficialmente se verifica através deste breve enunciado, estão ocupados todos os dias da semana em curso. Dentro do possível, procurou-se variar até onde o permitem as condições de trabalho, o programa da «Semana». Acima de tudo, fala-se de nataçao. Divulga-se a necessidade da sua prática. Exalta-se a sua beleza. Friza-se o seu aspecto altamente humanitário.

«Stadium», que tão gostosamente deu o seu patrocínio ao festival de domingo último, faz sinceros votos para que os objectivos da «Semana» de 1949 sejam amplamente alcançados e que toda a propaganda desenvolvida resulte o mais possível eficaz.

ABREU TORRES



Vitória de Guimarães treinado por Alfredo Valadas conquistou uma boa posição no Campeonato Nacional. A sua «defesa» comportou-se excelentemente; na fase que publicamos, Correia Dias e Curado travaram luta cerrada...

CAMPEONATO NACIONAL DE ANDEBOL

PORTO e SPORTING

são os concorrentes que se aproximam do título...



No Porto, o Sporting empatou com os Ferroviários por 5-5. Nesta fase um avançado sportinguista (Fonseca) é desarmado pela defesa do Ferroviários



A equipa de andebol do Belenenses que empatou com o Vilanense por 5-5



A equipa de andebol do Vilanovense



A equipa do Clube "Futebol Benfica" que, em Vigo, ganhou brilhantemente, sem derrotas e sem ter sofrido uma única bola, o torneio internacional de hóquei em campo ali efectuado. No meio do grupo encontra-se o dirigente Vicente Caleria

EM TERRAS DE ESPANHA...

Primeiro triunfo internacional de hóquei em campo lusitano

ABREM-SE (felizmente e finalmente) novos horizontes ao hóquei em campo português — no aspecto internacional. Poucas tinham sido, até agora, as competições — com esse carácter — disputadas por turmas lusitadas: de selecção ou de clube. Mas o bom senso (no que respeita, claro, à modalidade) chegou por fim a terras de Portugal...

O hóquei em campo é hoje uma variante dos desportos do «stick» que caminha para o triunfo seguro e certo — por nós ambicionado (e vislumbrado) há uns quantos anos! Tarde? Mas nunca é demasiado tarde quando se alcança o objectivo em vista... E o hóquei em campo pode revê-lo no passado — eivado de espinhos e dissabores e quezílias — pelo triunfo magnífico que o Futebol Benfica alcançou, há poucos dias ainda em Vigo, na compita com os «melhores» da Espanha. Pena foi, contudo, que o Tarrassa — campeão da Catalunha e do País — preferisse ficar e a Barcelona; se tivesse ido à Galiza talvez a competição luso-hispanica ficasse arrumada de vez e calados os «conceitos doutorais» do sr. Mingo — um dirigente que pouquíssima noção mostra das suas funções.

Merece realce esta primeira vitória do hóquei em campo lusitano em terra estrangeira. E, entretanto, diga-se desde já que os espanhóis-desportistas do rincão galasco souberam apreciar com justiça o triunfo conquistado pelo visitante desconhecido — lamentando, ao mesmo tempo, que o seu campeão (de Espanha—claro!) não comparecesse a «eternar armas!» Mas a verdade é que, no torneio internacional de Vigo, estiveram presentes, além do Futebol Benfica e do F. C. do Porto, o

clube Del Campo, campeão da Província, o Alerta e os Juniores de Madrid, de cuja equipa faziam parte três «olímpicos» de Londres. Portanto...

A vitória do Futebol Benfica (sem um golo consentido em três desafios sucessivos!) quer, com efeito, dizer *qualquer coisa* — aliada ao 3.º lugar tão honrosamente conquistado no torneio de Bruxelas. Os vencedores da «Taça de Portugal» (por que são campeões nacionais?) soberaram, assim, ser lúdimos representantes do hóquei lusitano. E, nestes casos, como em tudo quanto se relaciona com o desporto de competição, os resultados é que contam... Eles são o eterno índice — por que se avaliam sempre as probabilidades e possibilidades.

Arquívem-se, entretanto, as marcas registadas no torneio ibérico de Vigo, que foram as seguintes: 1.ª eliminatória: Alerta de Vigo—F. C. Porto, 2-1; e Futebol Benfica—Clube Del Campo (Vigo), 0-0. 2.ª eliminatória: Alerta—Júnior de Madrid, 0-0. Desempates: Futebol Benfica—Clube Del Campo, 1-0; Alerta—Júnior, 1-0. Final: Futebol Benfica—Alerta, 1-0. Competição para o 3.º lugar: F. C. Porto—Clube Del Campo, 1-0; F. C. Porto—Júnior, 1-0; Clube Del Campo—Júnior, 2-0. Classificação final: 1.º Futebol Benfica; 2.º Alerta de Vigo; 3.º Clube Del Campo (Vigo) por seus 2-0 sobre Júnior; 4.º F. C. Porto; 5.º Júnior de Madrid.

Digna por conseguinte, também de louvor a equipa dos campeões do Porto — que apenas perderam a eliminatória... E isso, claro, deu-tou a turma nortenha fora de todas as possibilidades. No entanto, depois, o grupo portuense não mais perdeu!

JORGE MONTEIRO



Em Estocolmo, no passado dia 13, os dirigentes sportinguistas organizaram uma romagem ao local onde Francisco Lázaro morreu, na Maratona dos Jogos Olímpicos de 1912. Durante a cerimónia, o sr. dr. Góis Mota produziu um discurso evocando a figura do atleta português. O vice-presidente do Sporting está rodeado da esposa de Fernando Peyroteo e de todos os jogadores leoninos

Como o Sporting perdeu o 1.º desafio na Suécia

De Estocolmo, especial para «Stadium», de Filipe Rodrigues

Filipe Rodrigues é um antigo adepto do futebol, que sabe ver e apreciar. Acompanhando a equipa do Sporting à Suécia, dá-nos o ensejo de publicar as suas impressões, que tem o sabor da verdade, isto é, de tudo quando é vivido e sentido.

A banda privativa do A. I. K. deu antes do começo do jogo um concerto musical, e no final fez várias evoluções em campo no género das bandas inglesas. O primeiro desafio disputado pelo Sporting na Suécia começou às 19 horas, com temperatura fresca e brisa ligeira.

Toda a primeira parte, a favor do vento, foi de domínio sportinguista. Houve um período (10 minutos) do melhor futebol que se pode imaginar. O resultado de 0 0 ao intervalo era justo.

Logo de começo, Canário foi substituído por Mateus. A linha dianteira do Sporting pretendeu marcar golos de longe, rematando forte mas a atenção de Zackrisson, guarda-redes de uma agilidade impressionante, tudo anulava.

O A. I. K. alinhou reforçado com quatro elementos de outros clubes, de boa categoria.

Os suecos entraram decididos na segunda parte, com enorme velocidade. Barrosa, aos 12 minutos, parou uma bola com a mão, mas, situando-a no lugar da execução, não deu tempo a que todos se colocassem. O castigo foi logo apontado, e Nilsson, de cabeça, abriu o caminho dos golos. Dois minutos depois, um forte tiro do centro-avante Mellbug, que foi um dos melhores em campo, bateu Azevedo apesar deste ter tocado na bola. Os dois tentos animaram o A. I. K. que passou a



Armando Ferreira, João Azevedo e Carlos Canário repousam, tranquilamente, na Suécia, perto de um moinho, numa paisagem de sonho e fantasia...

exercer domínio. Barrosa, numa exibição brilhantíssima, evitou mais bolas. Vasques, aos 31 minutos, com um toque de habilidade, tirou a bola das mãos do guarda-redes. Ponce depois, travaços saiu maguado, entrando Armando Ferreira para interior-esquerda, lugar que não está na sua calha. Alguns tiros de Peyroteo mereciam melhor sorte.

Mantendo-se Albano à ponta-esquerda e Armando Ferreira num lugar que não é manifestamente o seu, resultou o desperdiçar de grande parte de jogadas. Faltavam três minutos para acabar quando um forte tiro de Skoglund se transformou na terceira bola. Resultado: 3 a 1 a favor do A. I. K.

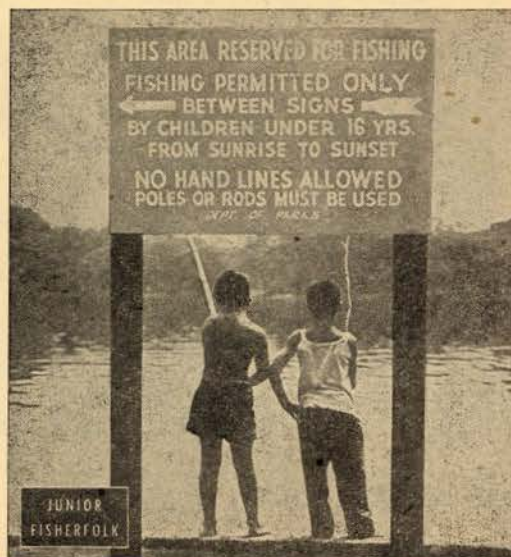
(Continua na página 12)



Travaços, no seu estilo sóbrio e elegante, força o ataque, deixando o adversário para trás — apesar do esforço deste...

A pesca e as crianças

Pescadores de palmo e meio



Sob o cartaz protector, que autoriza às crianças pescarem na lagoa Prospekt, em Brooklyn, dois garotos de modesta condição utilizam meios rudimentares para apanhar peixe

PARA adultos de equilibrada formação moral não existe espectáculo mais enternecedor do que vê crianças entregues a si-próprias, tentando vencer pelo instinto e pela inteligência dos seus verdes anos, os obstáculos que a Natureza espalhou à superfície da Terra.

A origem de muitos passatempos e, até, a de várias modalidades desportivas é forçoso buscá-la, precisamente, na vitória do Homem sobre essas dificuldades naturais. A natação, o remo, a caça e a pesca — por exemplo — são o fruto essencial das lutas que os nossos avoengos remotos disputaram ao meio ambiente, para conseguirem sobreviver.

Só pelo tempo adiante, depois que outros usos práticos e outras condições de preferência se inventaram, em substituição das primitivas,



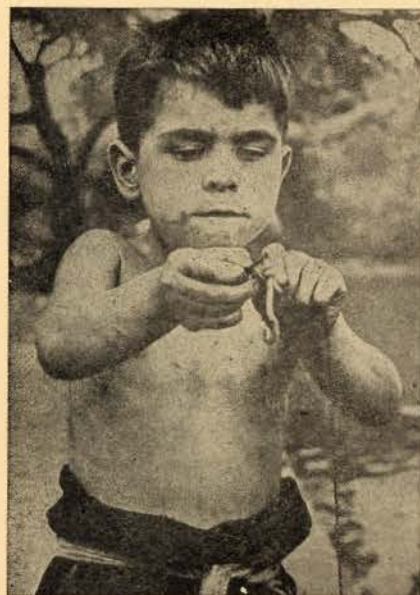
O sorriso de vitória ilumina o rosto juvenil de Rogério Castro e faz-lhe esquecer os maus momentos da dura existência

estas ascenderam à qualidade de desportos, os quais são, afinal, meios excelentes de despique e processos incomparáveis de dextreza.

Os povos nórdicos, mórmente os suecos, noruegueses e dinamarqueses, facilitam ao máximo o contacto da infância com as dificuldades naturais. É frequente presenciar, nas regiões nevadas, sob o olhar atento dos vigilantes, chusmas de crianças patinando e adextrando-se, ao frio das temperaturas glaciais.

A natação também figura no primeiro plano das distrações importantes, e o Japão é, talvez, de todos os países, aquele onde a sua prática, pelos rapazes e raparigas de verdes anos, mais se generalizou.

A pesca parece emparelhar com a caça, no grupo dos passatempos menos favorecidos. Os adultos de vida desafogada transformaram-nas em luxuosos antídotos do tédio, e tanto as escopetas, cheias de enfeites



Rogério de Castro não nega a sua latinidade. Vede como ele introduz, pacientemente, o verme que servirá de isca fatal à sua vítima. Bela imagem de precoce inteligência!



Expressão magnífica do «miúdo», concentrando as forças para arrojor o anzol. Compare-se o rapaz loiro, bem posto, tipicamente americano, com o gauchinho herói da objectiva



Cá vem ele! É pesado como um cachalote, a dar crédito ao esforço do pequeno pescador, ou será porque a cana o desequilibra sob a emoção do momento!

Os grupos nacionais que vimos jogar com as equipas estrangeiras que este ano vieram a Portugal foram:

Sporting (Norrrkoeping, A. I. K., Desportivo da Corunha e Anderlecht).

Benfica (Real Madrid, Norrrkoeping e Torino.)

Associação Académica de Coimbra (First de Viena).

Seleção de Coimbra (Viena de Austria).

Académico de Viseu (Saint Etienne).

Ginásio de Alcobaca (Celta de Vigo).

Sob este aspecto o balanço acusará, naturalmente, muitas limitações, pois que outros «teams» portugueses defrontaram alguns dos citados conjuntos visitantes em encontros que, porventura, melhor poderiam elucidar sobre o valor destes e o desenvolvimento do nosso futebol.

Mas nós podemos acorrer a todos os pontos. O jornalismo desportivo entre nós ainda não dá para tanto — por não poder, realmente, ou por achar a coisa superflua...

O *Sporting* ganhou quatro jogos.

O *Benfica* empatou o primeiro, perdeu o segundo e venceu o terceiro.

A *Académica* perdeu. A *Seleção de Coimbra* perdeu. O *Académico de Viseu* e o *Ginásio de Alcobaca* empataram. O que deu um total de cinco vitórias, três empates e três derrotas. Nada mau...

A melhor exibição do *Sporting* foi contra o *Norrrkoeping*, com períodos de uma pujança e de uma irresistibilidade que era uma força nova ao serviço do futebol latino. Só depois os haviam de superar, talvez, os vinte minutos iniciais do *Torino*...

Todos nós estamos recordados que o *Sporting* começou, cautelosamente, com um cuidado e uma atenção próprios e naturais dos grupos taticamente bem competidos.

Esta cautela, evidentemente é, produto de estudo admirável dos seus elementos de defesa, que tem podido esconder e superar até, muitas vezes, as deficiências.

Por mais que se insista no valor dos sectores atrasados dos «leões», a verdade é que nenhum dos jogadores da defesa do *Sporting* (excepção feita a Azevedo) possuiu a classe dos homens da linha de ataque. Manuel Marques será um jogador hábil. E' o, sem dúvida,

O VALOR DAS EQUIPAS NACIONAIS

ante os conjuntos estrangeiros que jogaram em Portugal

Canário possui também muito jeito. Simplesmente, no ataque a habilidade assume, clara e flagrantemente, maiores proporções, não obstante a Peyroteo faltar algo da genialidade dos grandes avançados-centros e a Jesus Correia a facilidade ou o magnético domínio de bola de um Mourão, por exemplo...

Mas na formação deanteira do *Sporting*, mercê do mesmo sábio aproveitamento de faculdades, os próprios defeitos surgem como virtudes.

O *Benfica* é uma equipa mais equilibrada quanto a distribuição de valores, embora em momento algum daqueles seus três jogos, — mesmo contra o *Torino* — tivesse deixado transparecer o saber e a experiência táticas do *Sporting*.

Sem contar com interiores do nível de Travaços ou de Vasques, possui no entanto, médios de ataque incomparavelmente melhores. E' a altura de pôr a questão.

No futebol moderno serão precisos médios de ataque de classe superior à dos meias-pontas ou pelo contrário, os interiores terão de ser melhores que os médios?

A pergunta tem interesse para os estudiosos e vem a propósito da recente e famosa subida do futebol espanhol, que parece continuar sem interiores, mas dispõe de avançados-centros e está a fazer jogar os médios-centros de outra maneira...

O tema merece ser desenvolvido e a ele voltaremos quando houver oportunidade.

Ainda acerca do *Benfica* e já que falámos de médios-centros não queremos deixar de frisar uma nota individual do seu desafio contra os malogrados italianos. Félix, o português que mais tendência revela para actuar como os genuínos médios-centros do W. M., influenciado possivelmente pela maneira de Rigamonti, afastou-se nitidamente do seu modo habitual ou do que procura seguir...

Isto não significará, por certo, falta de personalidade — que a

tem, este jogador. Quererá significar insegurança ou hesitação num futebol em que o problema continua a debater-se entre duas soluções...

A *Académica* não resistiu ao *First*, deixando que este jogasse com a serenidade que o futebol austriaco precisa para se desenvolver com toda a sua suavidade e a sua força danubiana, lenta e irresistível.

A *Seleção* que o *Viena* foi encontrar em Coimbra não tinha categoria para forçar a equipa visitante a outra espécie de andamento. E como o *Viena* estava fatigado, limitou-se a jogar para passar a hora e meia... O *Viena* ganhou, foi verdade, mas sem vibração, sem reacções, pelas quais se pudesse adivinhar algo mais do que delineou...

O choque entre o *Saint Etienne* e o *Académico de Viseu* proporcionou uma partida de toada viva, áspere mesmo em vários momentos.

Os locais marcaram dois belos golos, um deles até portentoso.

A rapidez dos visenses impressionou e descontrolou um tanto os franceses.

Se o *Saint Etienne* deu, como não podia deixar de ser, sensação de «team» mais experiente, a velocidade dos académicos da capital da Beira Alta colocou repetidas

vezes em cheque a execução dos visitantes.

O *Ginásio de Alcobaca*, mais vezes ou mais tempo ao ataque, podia ter ganho o jogo, se outro fosse o sentido da formação da frente. Mas com interiores que retêm demasiadamente a bola e extremos que se limitam a correr ao longo das linhas laterais para depositarem os centros na defesa contrária, não se consegue hoje vencer um desafio...

E está terminado o balanço. O que ficou por dizer — daria para outro balanço.

ADRIANO PEIXOTO

AS ENTIDADES DESPORTIVAS E A «STADIUM»

Da F. N. A. T., organismo que acompanhamos nas suas manifestações físicas, recebemos o seguinte officio, assinado pelo sr. eng. Higinio de Queiroz:

«E' com grande satisfação que venho agradecer a valiosa colaboração prestada a este Organismo por V. Ex.^a, pela propaganda e relevo dado à realização do I Festival de Educação Física Luso-Espanhol, contribuindo para o brilhantismo do mesmo».

Clube Desportivo de Estarreja



O *Clube Desportivo de Estarreja* animado pela vontade ferrea dos seus dirigentes e a dedicação dos associados conseguiu brilhante triunfo na época finda, classificando-se campeão da Segunda Divisão de Aveiro. No desafio de passagem, em Avanca, o team perdeu à tangente, mas os rapazes revelaram qualidades, e, mais do que isso, razoável conjunto.

O grupo é treinado actualmente por Artur Baela que, segundo nos dizem, está a desenvolver uma obra valiosa na equipa dos Juniores. O *Clube Desportivo de Estarreja* tem possibilidades de vida, afirma-se em cada época que passa, merecendo portanto a atenção das entidades oficiais.

R. B.

e ornamentações, como os atavios complicados dos pescadores de alto-mar, causam igual assombro dos pobres, como as vitualhas dos banquetes pantagruélicos excitavam as glândulas salivares dos escravos que os serviam.

Mas, nos Estados Unidos, e, para melhor falar, no Prospect Park da cidade de Brooklyn, as crianças acharam sítio ideal e muito seu, onde a pesca lhes é consentida.

Um lago pitoresco, rodeado de vegetação e a abarrotar de peixes tordos foi reservado a menores de 16 anos. Só é consentida a pesca desde o nascer ao pôr do Sol e numa faixa limitada por dois postes de madeira, num ambiente de grande quietude, propício às expansões de sã alegria da juventude.

As fotografias que publicamos têm como figura principal um pequeno luso-americano, Rogério Castro, tão português nas feições e no gesto como se tivesse nascido à beira do Tejo, e ali estivesse entregue ao seu favorito passatempo.

Nesta época de extenuante dinamismo parece-nos felicíssima a ideia de proporcionar aos jovens distrações sedantes, e de frutuossos resultados, quando no anzol se debate um peixe apetitoso capaz de fornecer, ao pescador de calções, magnífico lanche.

Os seniores de Bisboa quase todos em fraca forma

Pelo DR. SALAZAR CARREIRA

A primeira jornada do campeonato regional de seniores pôs em flagrante aquelas insuficiências do atletismo português, sobejamente conhecidas, mas contra as quais nem o esforço persistente, nem a sacrificada dedicação dos dirigentes e orientadores, conseguiram ainda encontrar o antídoto necessário.

A parte escassa meia dezena de valores, a sobressaírem na reduzida falange dos praticantes, os seniores de 1949 apresentaram-se em forma deficiente ou confirmaram ausência de classe. Há provas, como 800 metros, os lançamentos do peso e do martelo, o salto em altura (neste exceptuando Matos Fernandes) onde, com a melhor boa vontade, não descortinamos entre os participantes um único homem em quem se possa confiar para futuro.

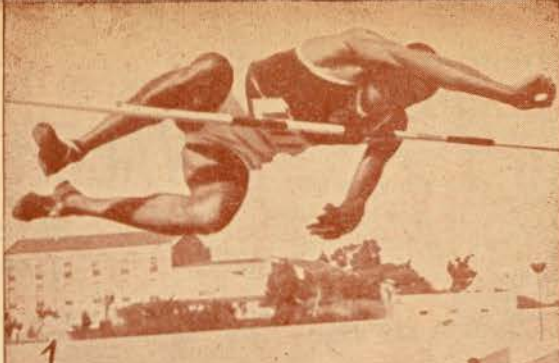
Muito mais lisonjeira impressão nos deixaram os torneios das categorias novas, principiantes e juniores: nelas registamos a ha-

bilidade natural e confiamos na sua expansão pela metódica aprendizagem técnica. Mas nos atletas já formados, em estagnação ou regresso de forma, de ano para ano, não nos são permitidas ilusões.

Que esperar, por exemplo, de um héracles como José Luís, que não lança o peso além dos onze metros, e o martelo aquém dos trinta? De saltadores em altura de reduzida estatura e que, época após época, cristalizaram no metro e setenta?

A conclusão que desde já se impõe para estes campeonatos, é que o atletismo português está a precisar de infusão de mocidade, porque a maioria do existente já deu o que tinha a dar ou pouco mais longe pode ir.

No programa de domingo salivaram-se apenas as provas de Marques e Quaresma nas duas léguas, o tempo de Matos Fernandes nos 400 metros-barreiras, a regularidade de Paquete e a perseguição de Conde na estafeta dos



1 — Matos Fernandes ganha o salto em altura com um 1.^m75, mostrando-se por assim dizer o único atleta nesta modalidade, apesar da modestia da marca

2 — Um trecho da prova de 10.000 metros, vendo-se já os sportinguistas no comando. Afonso Marques cortou a meta em 1.^o lugar

3 — Maria Celeste e Georgete Duarte, duas belenenses, disputaram com entusiasmo a corrida de 80 metros-barreiras. Ganhou Georgete, à direita, que bateu o recorde da prova



Aos campeonatos femininos concorreram atletas do Belenenses e do Sporting — Em cima, Celeste, Georgete, Arminda, Laura, Lúcia, Roldão, Fernanda e Adelaide, simpáticas roparicas, formam o conjunto de Belém. O Belenenses venceu em 80 metros-barreiras, comprimento e estafeta 4x100. Em baixo, Hortense Santos, Maria Delfina, Maria Olga e Maria Filomena, a quem o Sporting confiou a sua representação. Maria Filomena, com o n.º 51, triunfou no disco

1.500 metros. Noutra categoria acrescentem-se os averbamentos dos novos valores: João Luís, Rui Maia e Eduardo Silva.

Tudo o mais é verbo de encher: Joaquim Branco ganhou bem os 800 metros, mas em 2 m. 1,3 s.; o segundo do salto em altura transpõe apenas 1.^m70; a estafeta 4x1500 metros é ganha na média de 4 m. 26,4 s. e a de 4x400 metros na de 53,3 s.; Manuel da Silva vence o peso com 12.^m55 e o martelo com 38.^m90; deixando longe os competidores; apesar do forte vento favorável, Paquete áparte, os corredores de 100 metros ficam em 11,1 s. e 11,2 s. Francamente, esperavamos mais e melhor.

Se nalgumas corridas se pode alegar a influência desfavorável do vento, a razão não é suficien-

temente justificada em absoluto, pois como exemplo contraditório se pode apresentar a excelente prova dos dez mil, que foram no entanto aqueles que mais longamente lutaram contra a brisa contrária.

Disputaram-se nove provas, seis corridas e três concursos; o Sporting venceu 5, o Benfica 3 e o Belenenses 1.

Na pontuação, o Sporting ficou nitidamente distanciado, com 26 p. de vantagem sobre o Benfica: 93-67. O Belenenses somou 19, Colégio Militar e «Cuf» do Barreiro, 3 cada.

Na corrida de 100 metros, que reuniu 16 concorrentes, triunfou Tomás Paquete, com duas vezes 10,8 s., na meia-final e na final; Rui Maia, em assentuado progresso, foi segundo com 11,1 s.,

11 s. na meia-final e Nuno Morsis, em forma precária, classificou-se terceiro, com 11 s. também na meia-final, 11,2 s. na prova decisiva.

O salto em altura foi um «cavalier seu» de Matos Fernandes, que desta vez não foi além de 1,75; na falta de Falcão, não é exagero dizer que não estiveram presentes mais saltadores em altura.

Joaquim Branco obteve nos 800 metros uma justa vitória, mas em marca que não anima. Já era tempo de encontrarmos homens descendo regularmente abaixo dos dois minutos. Alves da Silva — Pena da Silva, seguiram-se com dois m. 3,1 s. e 2 m. 3,8 s., modestíssimos. Canhão reapareceu, desatrainado e sem chama.

A prova do lançamento do peso foi um completo fracasso; todos atiraram menos um metro do que o habitual. Parecia combinado.



Manuel da Silva, no lançamento de 12,55, que lhe dá a vitória

Manuel da Silva, muito lento nos movimentos e na sua coordenação; entre o balanço à frente e o início da projecção há um nítido tempo de paragem.

Matos Fernandes venceu folgadoamente os 400 metros-barreiras, no bom tempo de 56,9 s.; o júnior João Luis seguiu-se-lhe com 59,2 s. batendo dificilmente os dois últimos obstáculos. Pode ir longe, se trabalhar com afinco.

A melhor prova da tarde foi a corrida de 10.000 metros, duelo implacável entre Afonso Marques e Quaresma, que o primeiro decidiu no final a seu favor. Tempos: 33 m. 34,2 s. e 32 m. 41,6 s., que nos levam a supor que o recorde poderia ter sido atingido se as condições atmosféricas fossem mais favoráveis.

Uma referência à corajosa tenacidade do veterano Nogueira, desportista de verdade, exemplo a apontar aos novos.

No lançamento do martelo, a pobreza costumada e nas estafetas assistiu-se, em ambos, à recuperação dos sportinguistas, que começaram mal mas tiveram autênticas «saídas de leão». Alvaro Conde e Tito, foram os heróis das duas equipas.

A organização foi regular, embora por vezes demasiado lenta. Continua a verificar-se superabundância de pessoas a fazerem da pista avenida; neste espírito exageraram as atletas do Belenenses, a quem deve ser recomendado mais sossego no intervalo das suas provas.

SALAZAR CARREIRA

FERNANDO MOREIRA — era a preocupação mais séria dos últimos dias. Ao Aeroporto da Portela de Sacavém acorreram, dia a dia, muitos desportistas, dirigentes, homens da Imprensa, na ânsia de vitoriarem o valoroso internacional do F. C. do Porto. Os aviões da «Panair», em que se esperava o regresso de Fernando Moreira, não o trouxeram, porém. Só na última segunda-feira, às 4 horas da madrugada, mas num avião da K. L. M., desceu Fernando Moreira no nosso Aeroporto. Embora se tratasse de uma hora «difícil», Fernando Moreira não deixou de ser aguardado, até por fotógrafos...

Passava-se, porém, alguma coisa de especial. Fernando Moreira, por via de medidas profiláticas actualmente em vigor, no nosso País, teve de passar por um dos hospitais — a princípio com a indicação de que a sua permanência ali poderia ser demorada...

A chegada de Fernando Moreira a Lisboa, conseguimos trocar com o grande velocipedista algumas impressões. O mais rápido possível, visto o atleta do F. C. do Porto saber já, nessa altura, que alguma contrariedade o aguardava.

Visivelmente aborrecido, Fernando Moreira disse-nos:

— Parece que vou ser internado, não sei por quanto tempo. Isso preocupa-me tanto que... nem calcula!

— Tenhamos esperança. Ainda o veremos na Volta...

— Vamos a ver. Sinto-me já



As primeiras saudações, espontâneas e felizes, de quem sente a alegria de ver gente conhecida!

O campeão FERNANDO MOREIRA

regressou no sábado e, correu... para o Porto

perfeita saúde. Aguardo com alguma serenidade a solução do caso.

— E... sobre o Brasil?

— Creio que os desportistas portugueses já sabem tudo. Por mim, estou satisfeito. Fui muito acarinhado pelos desportistas de além mar.

Fernando Moreira nada mais tinha a dizer-nos em momento tão aborrecido. Ingressou no hospital, no sector que está indicado à solução destes casos. Mais tarde, porém, mesmo antes do meio dia de segunda-feira, o cor-

redor do F. C. Porto, após algumas demarches, saiu de novo. Apenas será submetido a várias inspecções, no decorrer da «Volta», e tudo no evidente e justificado propósito de se dar curso a formalidades usuais.

Não há, deste modo, motivo para contrariedades maiores. Fernando Moreira seguiu imediatamente para o Porto, de automóvel. Logo que saiu do hospital — nem almoçou em Lisboa... Era natural. E agora — passou por certo a crise. Esperamos que o valoroso ciclista esteja amanhã presente na corrida, a despeito do que possa dizer-se...



Com a mala de viagem, Fernando Moreira deixa o avião e logo um amigo lhe aparece. O popular campeão é alvo da curiosidade de todos, no Aeroporto

Stadium NA VOLTA A PORTUGAL

«Stadium» publicará uma larga e completa reportagem da Volta a Portugal em bicicleta. Seguem a «Volta», acompanhando etapa a etapa, os nossos companheiros de trabalho Mário de Oliveira e Tavares da Silva, um técnico da especialidade e um jornalista afeito aos grandes acontecimentos, que transmitirão aos nossos leitores as suas impressões, publicando artigos, notas, curiosidades e pitorescos, entrevistas, estando igualmente assegurado, como é tradicional na nossa Revista, um serviço fotográfico não só amplo como de categoria.

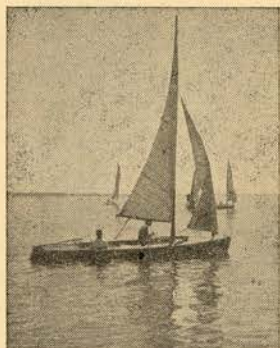


Fernando Moreira é o primeiro passageiro a sair do avião

Os portugueses que disputaram o troféu "Connaught"

confiam-nos as suas impressões

Todos eles dizem que, com velas iguais às dos ingleses, deviam vencer...



Vilardebó e Alexiades na mais emocionante regata de Inglaterra: quando de 10.º passaram ao 2.º lugar!

Breicester... Itchenor... Hayling Island... — eis-nos a longas milhas da costa portuguesa, durante três anos — 1946, 1947 e 1949 — em competição internacional de vela para disputa do troféu "Connaught". Prova difícil, dois barcos perdidos de cada vez entre muitos, ambiente estranho, águas desconhecidas, correntes e ventos incógnitos e variáveis — tudo uma cadeia de escolhos para os visitantes, amadores da náutica num País de consagrados marinheiros. Ferve-lhes, porém, nas veias um sangue próprio. Desaparecem as dificuldades batidas por uma soma de conhecimentos obtida pela persistência de treinos e estudos. E os anos passam. Em 1946 vitória de Rebelo de Andrade e Wendrel Henriques, arrecadando o troféu na nossa embaixada de Londres. No ano seguinte Fernando Belo e Francisco Quina na defesa dos méritos conquistados, alcançam o 2.º lugar; e o primeiro — porque é leme — é apontado como o melhor velejador que apareceu no torneio. Salta-se um ano porque os Jogos Olímpicos ocupam todo o tempo. E em 1949, António Vilardebó e António Alexiades trazem para Portugal outro segundo lugar. Nas provas que antecederam o troféu fixaram-se sempre na mesma posição — nem mais a quem nem mais além.

Em síntese: se no ano de 1946 atingimos o brilhantismo, três primaveras depois atingimos a maior regularidade. É que a segunda tripulação portuguesa — José Rosa e Bernardino de Almeida — nunca se aproximou tanto da primeira como em 1949.

No conjunto dos resultados o segundo lugar de Vilardebó-Alexiades e o terceiro de Rosa-Bernardino, constituem a prova má-

xima do regular a roçar pelo óptimo.

A «Stadium», não se alheando dos grandes acontecimentos, quiz registar nas suas colunas mais este êxito da vela portuguesa. E para isso ouviu os quatro velejadores que constituíram a representação nacional nas regatas de Inglaterra.

Duas resistências notáveis: a do cap. Currey com 60 anos e a de uma vela com 58 remendos...

António Vilardebó, «leme» do «sharpie» melhor classificado, foi o primeiro a depôr. Começou por dizer:

— O local onde se realizaram as regatas, na costa sul de Inglaterra, deve ser o que melhor condições reúne para o efeito, visto que o troféu «Connaught» corresponde à mais importante prova de «sharpies» de 12. No entanto, quem lá vai correr pela primeira vez encontra grandes dificuldades: os muitos canais que desaguam no estuário dando origem a correntes desencontradas, os baixos do lodo onde encaixa sem se sentir, os ventos, etc.

— Quanto à organização das regatas?

— Pode considerar-se perfeita apenas com um senão: no primeiro dia, a cincoenta metros da largada, tivemos que rondar uma boia, como se pode supor, no meio de grande confusão, não sendo possível evitar os consequentes abalroamentos.

— Qual o adversário que melhor o impressionou? — perguntamos.

— O cap. Currey, vencedor de todas as regatas. É de facto notável como um homem de 60 anos tem ainda tanta energia e resistência.

Para testemunhar as suas palavras de elogio ao campeão inglês, o nosso entrevistado apresenta como exemplo um caso passado na Connaught Cup:

— Numa das provas, tendo rondado à minha frente a boia que precedia a última bolina, o cap. Currey tomou logo o cuidado de me pôr no cone. Pensando que ele não deixaria essa posição, virando sempre que eu virasse, calculei que a única possibilidade de o passar estava em cansá-lo com sucessivas viragens. Pois esse homem de 60 anos respondeu à 115.ª viragem tal como tinha feito à primeira!

E acrescenta:

— Aliemos a essa resistência o seu muito saber, o conhecimento do local, onde vive os seus dias de velejador — e é fácil aceitar a sua vitória. Como «proa» tinha seu filho Charles Currey, que to-

dos dizem ser melhor que o pai. Tive ocasião de apreciar a sua categoria quando corri como «proa» a seu lado num 14 pés, vencendo o campeão olímpico de «swallow», Stewart Morris. O próprio cap. Currey diz que deve ao filho 50% das suas vitórias.

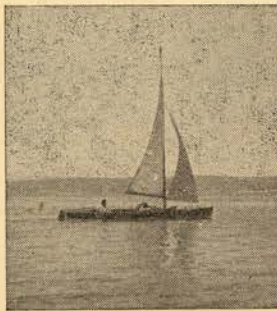
Depois de destacar Bernhard Leigh dos restantes concorrentes, António Vilardebó confia-nos:

— O momento mais emocionante de todas as regatas foi para mim aquele em que vi a «velinha velha» do P 3 (naquela altura com o n.º P 27) passar em menos de cinco minutos de 10.º para 2.º. Esta velinha devia ser guardada para as grandes ocasiões, afim de se evitar que ela se desfaça numa regata qualquer. Tem nada mais nada menos que 58 remendos!!!

Arriscámos ainda uma pergunta:

— Qual a impressão deixada pelos nossos barcos?

— Muito boa. O mestre Brites é sem dúvida um grande construtor de barcos de regata. O «sharpie» de Rosa causou agradável impressão em todos os ingleses. Pena foi que as velas não lhe tenham permitido mostrar o



No P. 30 José Rosa e Bernardino de Almeida completam a regata para a «Connaught» em 3.º lugar

seu verdadeiro valor como leme. Na realidade as velas dos barcos estrangeiros que temos visto aqui e lá fora são de uma maneira geral superiores às nossas em material e em forma. A propósito de Rosa não quero deixar de frisar a ajuda que em tudo senti da sua parte: a leal cooperação e a alegria com que viu a minha actualiação.

E ao terminar esclareceu:

— Não corri com o Felix em Inglaterra porque ele tinha exames. O Alexiades, porém, reúne qualidades iguais às do Felix, quer como proa, quer como amigo.

Podemos ganhar outra vez a Connaught se correremos com velas iguais às dos Ingleses

Ao José Rosa pedimos que nos contasse tudo quanto se passou antes, durante e depois das regatas. Uma descrição breve dos acontecimentos. Ei-la:

— Esperávamos-nos no aeroporto em Londres, mrs. Lye, secretário do Hayling Club e Anderson que já esteve em Portugal. Conduziram-nos em automóveis a Hayling Island onde já se encontrava o meu barco. O do Tomé chegou no dia seguinte. Aparelhámos as embarcações e experimentámos as águas. Na madrugada de segunda-feira levantámo-nos às duas para encaixar os barcos na praia-mar e no dia seguinte virámo-los com o fundo para o ar, e demos-lhe lixa e afinámo-los. As regatas disputaram-se nos canais da bafa com pouco vento nos três primeiros dias e vento médio no último.

Na primeira, larguei bem rondando em 3.º lugar a mais próxima boia. No bordo de bolina perdi mais terreno — e mais tarde soube o motivo: a vela que levei não dava rendimento. O Tosé largou mal, mas no bordo de bolina passou muitos ingleses até se fixar em 2.º lugar. O Currey ganhou distanciado e eu que vinha em 4.º fui batido sobre a meta.

Grande regata a do Tosé no segundo dia. Tal como na véspera ele largou mal e eu bem. Rondou as boias em 15.º lugar. No bordo de bolina que começou com um atraso de cerca de 1.500 metros — passou todos os concorrentes menos o capitão Currey — vencedor das quatro regatas. O Tosé não ganhou a prova por um triz... Cheguei em oitavo — e sempre o mesmo tormento: o bordo de bolina.

Para tirar teimas, no outro dia de manhã, resolvemos trocar os barcos antes das regatas. Concluímos que o meu não bolinava. Não era do «leme» — era da vela! Por isso mudei de panos. Passei a correr com uma vela para ventos rijos. Não foi solução porque os ventos eram bonancosos, mas mesmo assim bolinei um pouco mais.

Chegou a terceira regata em que injustamente me desclassificaram. O caso passou-se assim: íamos à popa para a boia; pedi espaço, na rondagem, a um inglês; ele deu-mo, mas apertou e eu abalroei; o inglês pediu-me desculpa, desistiu e eu continuei. Quando cheguei a terra soube que ele tinha protestado, pelo que me desclassificaram. O júri alegou que se eu tenho protestado ganhava. Como não protestei...

Na 4.ª regata, disputámos a «Connaught Cup». Ambos larga-

mos bem. Na primeira rondagem: 1.º Tosé, 2.º eu e 3.º o capitão Curry. Depois cruzamo-nos nos bordos e o cap. Curry ultrapassou-me. Aproximou-se do Tosé que foi à frente até à segunda volta. No bordo de bolina da terceira volta o cap. Curry e o Vilardebó viraram 115 vezes. Era intenção do meu companheiro, entreter o inglês até eu poder aproximar-me. O cap. Curry, porém, aguentou-se bem e acabou por ganhar a prova. Eu fui terceiro e o Tosé segundo.

Regressamos depois de breve estadia em Londres, sensibilizados com o afável acolhimento dos britânicos e com a ideia fixa num novo triunfo na «Connaught»: é uma questão de correremos com velas iguais às dos ingleses.

Com uns dias de antecedência para treinos e sem o cap. Curry — é «limpinho»...

Aos dois «proas» que disputaram a «Connaught» pela segunda vez, fixemos a mesma pergunta: — Das duas provas qual lhe pareceu melhor?

Resposta de António Alexadres: Acho que se tornou mais fácil a regata deste ano, visto que os quatro dias de preparação antes das provas foram muito úteis. Devia de ser sempre assim. Em 1947, quando corri com Rebelo de Andrade, foi tudo mais apertado. Cheguei na terça-feira, na quarta chegaram os barcos e na quinta começaram as regatas. Enfim, embora não estivéssemos em igualdade de circunstâncias com os adversários, estávamos melhor que em 1947. Podíamos ter ganho. Chegámos sempre em segundo lugar, mas dia a dia reduzimos a diferença que nos separava de Curry: 6 minutos na primeira regata; 4 na segunda; 20 segundos na terceira; e também questão de segundos na quarta. Com melhores ventos e um pouco de chance tínhamos feito o óptimo. O José Rosa teve pouca sorte nas velas que levou.

Resposta de Bernardino de Almeida: Gostei mais do primeiro ano — até porque ganhamos... Mas quanto ao local prefiro Hayling Island a Bencaster. A prova deste ano foi mais difícil. Pelo menos quanto a adversários. Duas ou três tripulações inglesas e, principalmente, o cap. Curry e seu filho Charles apresentaram-se em magníficas condições. Charles Curry é melhor que o pai, embora seja o «proa». No conjunto, a tripulação é magnífica. Treina desde 1946 e possui velas para todos os ventos. Foi o nosso mal, pois o Rosa só levou panos para ventos rijos. Agora uma revelação: o cap. Curry vai vender o barco; e para o ano sem o cap. Curry... aquilo é limpinho... sem ossos...

HENRIQUE PARREIRÃO

GRAVURAS

de Armeis & Moreno, Lda.

Travessa S. João da Praça, 38

HOQUEI EM PATINS

Benfica e Sintra

Únicas equipas sem derrota, com empate de 4-4 entre si, no campeonato do Sul em 1.ª categoria

COMO acontecimentos mais importantes do campeonato do sul de hóquei em patins, ora em curso, contam-se a derrota do Paço de Arcos (2-4) em Sintra e a carreira brilhantíssima que está fazendo a equipa dos novos do Benfica. Realmente, os benfiquistas, que conseguiram desembaraçar-se do Oeiras, do Futebol Benfica e do Cascais, em terreno contrário, impondo ainda, mas em casa, um empate ao Hóquei de Sintra, são credores dos maiores aplausos. É uma espécie de continuidade da Taça de Honra... Ocorre, por conseguinte, perguntar novamente: — até onde irá o Benfica com esta «embalagem»? Felicite-se, portanto, a modalidade, pelo retorno de um clube cujo passado é dos mais belos no hóquei em patins; o presente é promissor — e o futuro adivinha-se facilmente. Está de parabéns o desporto do stick — porque quanto maior for a emulação mais ganha em interesse a prova que se está a disputar.

Aparte aqueles dois acontecimentos citados — que são na realidade os de maior vulto — registre-se a acção também curiosa e digna de apreço do Campo de Ourique em contraste com a «caída» do Sporting de Oeiras — um e outro em polos diferentes no que diz respeito a resultados gerais.

Quatro equipas é o número dos que ainda se mantêm sem derrota: Benfica e Hóquei de Sintra (1.ª); Paço de Arcos (2.ª) e Sporting de Oeiras (3.ª). Isto, claro, até à altura de alinhavarmos estas simples regras — porque o torneio vai ainda no princípio e há jogos quasi todas as noites...

O campeonato começou no dia 14 de Junho, tendo-se registado, até sexta-feira, os resultados seguintes:

Dia 14: Benfica-Campo de Ourique, 4-0 (1.ª) e 9-0 (2.ª). Dia 15: Lisgás-Paço de Arcos, 1-7 (1.ª e 3.ª) e 3-8 (2.ª). Dia 17: Sporting de Oeiras Académica da Amadora, 5-3 (1.ª), 2-3 (2.ª) e 5-2 (3.ª). Dia 19: Hóquei de Sintra-Futebol Benfica, 7-2 (1.ª), 6-1 (2.ª) e 3-6 (3.ª). Dia 20: Ateneu-Cascais, 2-4 (1.ª) e 2-3 (2.ª); C. Ourique-Oeiras, 4-3 (1.ª) e 1-3 (2.ª). Dia 22: Fut. Benfica-Benfica, 2-4 (1.ª), 5-3 (2.ª) e 2-3 (3.ª); Cascais-Sintra, 0-1 (1.ª), 0-4 (2.ª) e 0-7 (3.ª). Dia 24: Amadora-Lisgás, 4-2 (1.ª), 5-3 (2.ª) e 0-3 (3.ª); Ateneu-Paço de Arcos, 0-15 (1.ª) e 3-5 (2.ª). Dia 26: Sintra-Paço de Arcos, 4-2 (1.ª), 2-3 (2.ª) e 4-1 (3.ª). Dia 27: Lisgás C. Ourique, 2-4 (1.ª) e 5-4 (2.ª); Oeiras-Benfica, 2-3 (1.ª), 5-2 (2.ª) e 5-3 (3.ª); Ateneu-Amadora, 3-5 (1.ª) e 2-7 (2.ª). Dia 30: C. Ourique-Ateneu, 8-0 (1.ª) e 4-5 (2.ª). Dia 1 de Julho: Benfica-Lisgás, 5-0 (1.ª e 2.ª) e 7-0 (3.ª); Amadora-Sintra, 1-12 (1.ª) 1-4

(2.ª) e 4-2 (3.ª); Paço de Arcos-Cascais, 6-1 (1.ª), 9-4 (2.ª) e 4-3 (3.ª). Dia 3: Sintra-C. Ourique, 10-1 (1.ª) e 7-0 (2.ª). Dia 4: Ateneu-Benfica, 2-10 (1.ª) e 2-9 (5.ª); Lisgás-Oeiras, 2-7 (1.ª), e 2-6 (2.ª). Dia 8: Benfica-Sintra, 4-4 (1.ª), 8-1 (2.ª) e 2-3 (3.ª); Cascais-Académica, 2-1 (1.ª) 3-0 (2.ª) e 5-4 (3.ª). Dia 10: Sintra-Oeiras, 5-2 (1.ª), 3-1 (2.ª) e 6-6 (3.ª). Dia 11: C. Ourique-Cascais, 0-2 (1.ª) e 3-6 (2.ª). Dia 13: Oeiras-

-Ateneu, 8-0 (1.ª) e 3-4 (2.ª) Lisgás-F. Benfica, 3-7 (1.ª), 4-9 (2.ª) e 2-6 (3.ª). Dia 15: Académica-P. Arcos, 1-1 (1.ª), 0-2 (2.ª) e 3-4 (3.ª) e Cascais-Benfica, 0-3 (1.ª) e 1-2 (2.ª).

Hóquei de Sintra (43-12) e Benfica (33-10) com 6 vitórias cada e um empate entre si, marcham à frente da classificação, ambos com 20 pontos — o que é uma indicação...

Quer nos parecer, pelo rumo que as coisas tomam, que os sintrenses vão acabar a primeira volta em primeiro lugar — pois além de receberem a visita do Oeiras jogam ainda em casa com o Ateneu e, fora, em Campo de Ourique, defrontam o Lisgás, qualquer deles adversários fáceis. O Benfica tem a sua tarefa mais dificultada: jogará ainda com o Paço de Arcos e visita Amadora na última jornada: dia 29.

JORGE MONTEIRO

BELENENSES nos AÇORES



O Clube de Futebol Os Belenenses foi recebido com inequívocas provas de simpatia nos Açores, fazendo excelente figura. Os clubes daquelas maravilhosas ilhas tiveram especiais atenções com o clube lisboeta. Veja-se, por exemplo, neste trecho, um doce com o emblema de Belém, primorosamente elaborado. Casimiro Janeiro, dirigente do Belenenses, assiste ao banquete em lugar de honra.



No primeiro desafio que o Belenenses disputou nos Açores houve solenidade. Os clubes trocaram galhardetes e cumprimentos efusivos. Uma senhora deu o pontapé de saída, acto que foi sublinhado com grandes aplausos. O Belenenses deixou, em todos os sentidos, um bom nome nos Açores.

Festival de homenagem à Imprensa e Rádio

O festival de domingo passado na magnífica piscina do Algés e Dafundo, sempre em contínua laboração, de homenagem à Imprensa e à Rádio, teve muito interesse. Disputado com regularidade, muito concorrido, os resultados técnicos que se apuraram são valiosos.

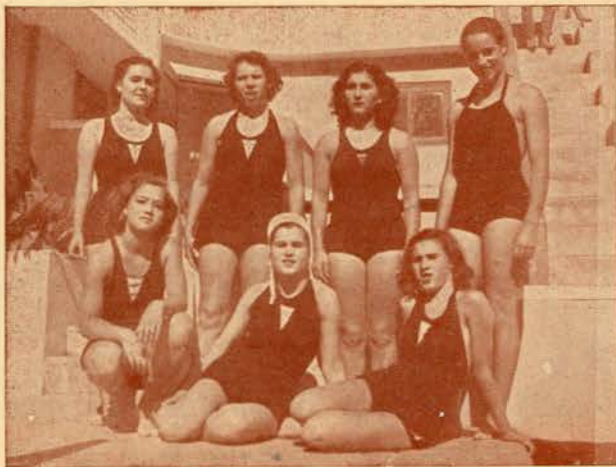
O Sport Algés e Dafundo foi o 1.º em tudo, na classificação geral e nas quatro categorias, continuando uma bela tradição de grande clube da especialidade. O Estoril deu boa réplica, assim como Pedrouços, Nacional e Belenenses, na medida das suas possibilidades. O Adicense constituiu uma bela surpresa.

A tentativa que a equipa do

Algés e Dafundo fez para bater o recorde de principiantes na estafeta 4x200 metros-livres transformou-se numa certeza. O recorde caiu de 11-8 para 10 m. 40,1 s. Um festival que, por tudo, contribuiu para o progresso da natção.

BENFICA na Madeira

Por nos ter chegado um pouco tarde a reportagem, ilustrada, a cargo do nosso camarada Rosa de Matos, da visita do Benfica à Madeira, só no próximo número a poderemos publicar, na certeza de que se trata de uma reportagem muito interessante.



As nadadoras do Algés e Dafundo e do Estoril Praia que tomaram parte nas provas



A equipa de principiantes do Algés e Dafundo que, numa prova magnífica, bateu o recorde nacional da sua categoria na estafeta 4x200



Arnaldo Santiago, jovem nadador do Adicense, conquistou com inteiro merecimento o primeiro lugar na prova de 100 metros-bruços, com 1 m. 32,4 s. Foi uma admirável surpresa!

SPORTING na Suécia

(Continuação da pág. 5)

Os portugueses jogaram para um melhor resultado. Só à falta de sorte se deve a derrota...

Os jogadores suecos de reforço são elementos novos e de futuro. O interior-esquerdo, o que melhor impressionou, tem somente 19 anos e jogava num grupo de 3.ª categoria. O guarda-redes, o defesa-direito, o médio-centro e os avançados foram os melhores, e, dentre estes, o centro-dianteiro e o interior-esquerdo.

No grupo português notou-se falta de interesse por parte de alguns elementos. E' de justiça destacar Barrosa, como o melhor português, seguido de Azevedo, e de Canário, que voltou ao campo na 2.ª parte. Dos avançados, gostamos de Travaços nos primeiros 20 minutos, ainda de Vasques, e no cair do encontro de Jesus Correia.

Contribuíram para a derrota o defesa Juvenal, e a colocação de Armando a interior-esquerdo. Arbitragem excelente.

Os dirigentes do A. I. K. obsequiaram os portugueses com um banquete a que assistiu o sr. ministro de Portugal, e onde se fizeram brindes amistosos. Trocaram-se «lembranças» entre os dois clubes. F. R.

— No segundo desafio, contra o Mamoe, cujas impressões publicaremos no próximo número, o Sporting perdeu por 5-4, mas comportou-se com brilho.

ARCADIA Ó DANCING N.º 1 = DA CAPITAL =

apresenta o mais categorizado programa de atrações Estreou-se com êxito a escultural bailarina e cancionista

LOLITA SEVILLA

a famosa estrela do baile clássico

ELENITA ESPEJO

A gran cantante de Flamenco

CORALILLO DE GRANADA

CARMEN DEL MAR e ANITA LUCENA

Mary-Mely, Hermanas Baron, Hermanas Disdier, Sara Seny e Mabel Valencia

MUSICA CONSTANTE PELAS DINAMICAS ORQUESTRAS

ARCADIA com a vocalista norte-americana **DIANA**

THE ROYAL JAZZ com a vocalista **JULIETA RODRIGUES**

Ainda esta semana sensacional estreia em Portugal da formosa bailarina francesa

NICOLE BLANCHRY

Ar, condicionado

Temperatura agradável

ALMANAQUE DOS DESPORTOS

Preço 40\$00 — Pedidos à Administração da «Stadium»

Rua da Rosa 252 — Telefone 31187 — LISBOA

Curiosidades...

Já se sabe, evidentemente, que o F. C. do Porto partiu para Luanda, com o compromisso de efectuar 4 jogos naquela nossa provincia ultramarina. O «caso» Moçambique não tinha qualquer solução que nos habilitasse a julgar que os portugueses possam deslocar-se de Angola para lá.

✦ O internacional Araújo partiu com a equipa, e será submetido à vigilância do dr. Cesário Bonto. Não jogará, porém. Virgílio e Vieira devem seguir de avião, jogando no segundo encontro dos nortenhos.

✦ Causa apreensões, e justificadas, a falta de poder nos deanteiros portugueses. Fandiño, tornou-se estorilista. Araújo — é o que se sabe. Vital, não pode alinhar.

É razoável o constrangimento. Só com defesas não se ganham jogos...

Aguardemos os resultados.

✦ O F. C. do Porto levou nas suas fileiras um rapaz de futuro: José Maria, do Cadaval. Dizem-nos que o clube do lado de lá do Rio só o desobrigará para o Benfica. Salvo melhor opinião, e a ser verdade o que nos comunicam, julgamos que tal não se justifica. São já em grande numero os clubes que antes querem transferir os seus homens para o Sul...

✦ Há mais ciclistas estrangeiros no Porto. Os clubes locais levaram o caso da «Volta» a sério. O Porto, praticamente, recebeu Lambertini, pois Valmitijana está por cá há muito tempo, e verdadeiramente por acaso. Guegan e Chupin, já nossos conhecidos, voltaram ao Académico. O Salgueiros e o Boavista também se reforçaram. Vamos assistir a uma grande prova, com certeza.

✦ Alberto Augusto está esperando na guarda-redes poveiro Graça — que se deslocou para África como suplente de Valongo.

✦ Pereira, o argentino, irá para Madrid? Há quem o dê também no Estoril...

✦ O Boavista deve receber António Nunes, que fez longo estágio no Estoril. Bem aproveitado, é excelente reforço. Isto a dar-se tal caso, porque ainda é cedo para garantir qualquer coisa.



A equipa do F. C. do Porto seguiu na semana passada para Luanda, no paquete «Império», tendo uma afectuosa despedida por parte dos dirigentes e dos seus adeptos

Stadium

na capital do Norte

A propósito de Fandiño

VAMOS todos tirar a contra-prova. Fandiño, que parte da Imprensa portuguesa «bicou» como pôde, quando principiou a sua carreira no F. C. Porto, passará no próximo ano para as fileiras do Estoril Praia. Teremos todos ocasião de ver, e muito especialmente os que lhe negavam categoria, se o interior argentino possuía ou não aquelas qualidades apregoadas por alguns jornalistas.

Em nosso entender, Fandiño fará muita falta ao grupo azul branco. A sua maneira subtil de encarar os lances e de resolver coisas complicadas do jogo, facilitava muito, muitíssimo, o trabalho dos seus colegas de equipa. Pois vai faltar-lhe essa preparação de Fandiño. Os dianteiros do Porto, ainda algo novos, ou ineficazes, se assim quiser o leitor, podem andar muitas vezes à procura de uma bola que Fandiño lhes entregava sem esforço.

Mas o F. C. Porto, essa é a verdade nua e crua, não pôde assegurar por mais uma época os serviços de tal elemento. Deixou-o partir, e à crítica cumpre apenas anotar o facto. Lamentando que tal suceda. Vai o Estoril Praia, como havemos de ver, fincar-se no valor de Fandiño para brilhar. Tendo Vieira do outro lado e Mota ao centro, e contando ainda com extremos rápidos, deve o clube da Costa do Sol ficar bem servido. O F. C. P. é que não. Oxalá as coisas se componham, mas a linha avançada precisa de «mais gentes»!

A VOLTA...

Principia esta semana o «Volta a Portugal», e a cidade capital do Norte aparece-nos interessadíssima no importante prova. É natural. Possuindo bons estradistas, nacionais e estrangeiros, o Porto pode impor-se e fazer boa figura.

A propósito da estrangeiros, porém, também temos a nossa opção. Ao contrário de um nosso

colega do jornal «A Bola», parecem-nos que a inclusão de estrangeiros nas equipas de clube, é benéfica e provoca a recolha de ensinamentos que de outro modo não apareceriam. Pode dizer-se que bastaria, para isso, a presença de uma equipa nitidamente estrangeira. Não nos parece. Os ensinamentos, se pudessem aparecer por intermédio desses homens, ficavam certamente entre eles. Misturados com os corredores nacionais — alguma coisa ficava dentro da equipa a que pertencessem, embora eventualmente...

Mes, também não estamos de acordo com aqueles que só pretendem apresentar, afinal, valores estrangeiros. Isso... não nos ensina absolutamente nada! Um ou dois bons ciclistas estrangeiros (o máximo) entre homens que também possuem a sua categoria, não achamos mal. Parece-nos, portanto, que o caso precise de ser ponderado nesse sentido. E não seria difícil, se todos quisessem estudar cuidadosamente o problema.

Exagerar com a apresentação de estrangeiros — é um mal. E isto se esquecida a participação, em número e qualidade, dos corredores portugueses.

Entendido?

A nova época...

TALVEZ pareça arrojado falar já em nova época do futebol, evidentemente, quando a maior força clubista nacional parece estar disposta a prolongar a de 1949. Dia a dia, ouvimos falar ou vemos que as grandes equipas portuguesas vão para aqui e para ali, regressando lá para tarde, talvez apenas a tempo de estar presente na prova máxima de 1950...

Os clubes lá sabem do que precisam e com o que podem contar. A crítica, todavia, pode e deve neste caso dar a sua opinião franca e leal, sem que isso pareça abuso ou desejo de meter foice em seara alheia. Claro que os «casos» Benfica, Sporting, Belenenses ou Estoril, se cada um destes clubes quiser estender a sua acção pelo defeso além, podem ser analisados mais livremente noutro sector, e não tomaremos neste caso a deanteira. Pelas coisas de cá — falaremos. Assim, salvo melhor ou mais autorizada opinião, pondo à frente dos olhos a visita por certo demorada do F. C. do Porto à África, julgamos que foram ponderadas cuidadosamente todas as situações favoráveis ou desfavoráveis, e que nem por um momento se esqueceu o dever de estar honrosamente no seu posto, na próxima época.

Não há memória dos nossos principais clubes desenvolverem a sua actividade pelo defeso. Não temos, portanto, seguro exemplo da sua «força». Parece que o vamos apreciar agora. Em principio, quanto a nós, torcemos o nariz... Ficamos na defensiva. Mas oxalá que o engano seja totalmente nosso e que o F. C. do Porto ou outro possam demonstrar, no campeonato próximo, que nem os saturou a bola, nem as viagens, nem o físico de cada um se viu beliscado pelo mais ligeiro desgosto.

Mas a força humana tem limites. É preciso temperar — que o Mundo passa por nós a correr, a correr...

Assinem a STADIUM

A vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

Alfredo Spitzer, velho pioneiro dos desportos atléticos e crítico de renome internacional, tanto pela profundidade dos comentários como pelo alcance das previsões, resolveu terminar voluntariamente os seus dias amargurados, para não cair na indigência.

Spitzer tem hoje setenta e três anos e mais de cinquenta dedicados à expansão do atletismo em França. Associado ao irmão, Max, fundou o Metropolitan Club — sociedade reservada à prática de corridas pedestres — onde algumas figuras proeminentes dos desportos atléticos, nomeadamente, Caulle, Baraton, Dolguès, Norland, Féger, Keller, Jousse, Crestois, etc., etc., tentaram os primeiros passos das suas carreiras.

Dessa grande obra, de que foi criador e animador principal, os seus discípulos falam mais alto que todos os adjectivos e aplausos. Manejando brilhantemente a pena tornou-se temido, revelando, a par de conhecimentos técnicos profundos, um ardor combativo de polemista nato, sem limites, exceptuando os da decência e das boas maneiras.

Pois, esta figura respeitável e cheia de dignidade, apesar da ojeira eficaz de alguns amigos do velho «Metro», viu, diante dos olhos, o espectro da velhice miserável, como já vira dos poderes públicos a face hedionda da ingratidão e do esquecimento, e preferiu o suicídio à decadência total.

As notícias mais recentes davam-no em estado grave mas não desesperado. Os médicos de Antibes acudiram-lhe, ao que parece, a tempo de o safar da morte física mas nenhum — ou ninguém — saberá livrá-lo da morte da alma e das ilusões. Essas, como diz o poeta Regmundo Correia, falando dos sonhos que obolam no coração, fogem e, ao invés das pombas que aos pombais voltam, jamais regressam ao porto de saída.

* * *

Não sei se foi o espirituoso Georges Courteline, num dos seus dias mordazes, ou outro qualquer homem de letras francês, quem definiu assim os esforços dos desportistas, quando realizam as suas admiradas proezas: um por cento de inspiração e noventa e nove por cento de transpiração!

Feliz, felicíssimo graçaço que contem de verdadeiro muitíssimo sumo.

Final, os plumitivos exageram tanto os tropos com que enfeitam os ramalhetes da linguagem, abusam tanto das metáforas das antonomásias e das hiperboles, ao relatarem uma corrida, salto, ou lance do jogo mais imprevisível e sensacional, que a sensibilidade do leitor fenece asoberbado.

Agora, que o jornal francês L'Equipe promoveu um inquérito sobre a significação da palavra «classe», surgiu um médico respondendo com grande bom-senso e alguns dos conceitos que apresentou servem de matéria a este escrito.

As proezas dos homens de desporto, que na época actual assombram tanto os mirões das palestras e os leitores das gazetas, e são louvadas com delirante exagero, constituem produto do músculo e da vontade, não do cérebro, que nas suas manifestações máximas gera as obras geniais, só intervém em proporção reduzida e sendo ele o maior atributo humano mal ficam as realizações atléticas comparadas com as obras-primas da inteligência.

Nada há que tirar ou discutir na lógica do cirurgião Raymond Hacker. Atigura-se-nos certíssima, porque sendo nós intransigentes partidários da atletica em todas as manifestações e modalidades típicas, também sentimos repugnância pelo excessivo materialismo para que tende conduzir as massas, alheando-as dos primores espirituais do Homem.

No justo equilíbrio do meio termo, como o latino Juvenal explicou nas suas Sátiras, está o êxito duma bela obra.

RAFAEL BARRADAS



Sugar Ray Robinson (à direita) é o monarca incontestado do pugilismo mundial na classe de meio-médios. Defendeu contra Gavilan o seu título e no decorrer do 5.º assalto aplicou-lhe o duro golpe ao tronco que a fotografia fixou

Boxe

O grande desafio da semana realizou-se no Estádio Municipal de Filadélfia (E. U. A.) entre os negros Sugar Ray Robinson, campeão internacional da categoria «semi-médios», e Kid Gavilán, cubano, pretendente ao referido título.

A luta entre ambos foi encarniçada mas a técnica de Robinson superou a agressividade do adversário e no final do 15.º assalto o júri conferiu-lhe a vitória, por unanimidade.

Em Rochester, Joey de John ganhou a Pete Mead, por K-O ao 7.º round e na cidade de Nova York, o magnífico Steve Belloise conquistou fácil triunfo pontual sobre Tony di Mico, em 8 períodos.

Na Europa, também a actividade pugilística decresceu. Fala-se insistentemente num encontro entre o sueco Oile Tandberg e o preto americano Jersey Joe Walcott, a efectuar a 14 de Agosto em Estocolmo. Também se diz que Marcel Cerdan lutará contra Tibério Mitri, em Paris, estando em litígio o título de campeão da Europa, de «médios», em poder do italiano.

Por último, efectuou-se em Algr, a 9 do corrente, a disputa do campeonato francês de «semi-médios», entre Titi Clavel, forte goleador e titular, e Omar Kouidri, matreiro marroquino de larga experiência.

Venceu este último, por pontos, ao cabo de 15 assaltos travados num ambiente cáldo, e a margem do triunfo foi mínima.

Ténis

Estão aprovados os finalistas da Taça Davis (zona europeia). A França derrotou a Hungria, embora o magnífico Asboth tenha vencido Marcel Bernard, em 4 partidas, e a Itália eliminou a Suécia, vencendo os três primeiros desfilos do mal h.

O encontro França-Itália está anunciado para 23 do corrente.

Atletismo

Está em franca actividade o atletismo internacional, do lado de cá do Atlântico. Os Estados Unidos, depois de terem feito disputar os seus campeonatos, em Palo Alto, exportaram para a Europa vários carregamentos de corredores, saltadores e lançadores.

A trupe que nos visitou, depois de recusar a sua participação nos campeonatos de Inglaterra, em Wembley, seguiu para a Bélgica onde se exibiu com o mesmo agrado de cá.

Os alemães continuam a erguer a grimpas e em Francfort, Rimek correu 1.500 metros em 8 m.54.6 s. e Loose arrojou o dardo a 62,14 metros.

O grande herói da semana foi o desconcertante Zatopek, checo, que também é conhecido por Locomotiva Humana. Durante o torneio Finlandia-Checoslováquia, percorreu os 10.000 metros em 29 m.58.4 s. batendo o seu rival finlandês Jyro Heino. Os 1.500 metros do mencionado torneio couberam a Cevona, outro checo de qualidade, derrotando Johansson em 3 m.50.4 s.

O ingleses descobriram, segundo se diz, um magnífico corredor de milha, L. Eyre, que deixou o corta-mato e experimentou os seus talentos na clássica prova. Na primeira tentativa totalizou 4 m.9 s., que será o melhor resultado conseguido por um inglês desde Sidney Wooderson.

A dança dos recordes continua. Na Suécia, o atleta Ceraj apropriou-se dos 1.500 metros (em 3 m.55 s.) e 3.000 metros (em 8 m.31.2 s.).

Os campeonatos de Espanha, efectuados em Barcelona, sob um calor tropical foram pouco luzidos quanto aos resultados.

A MODERNA

OFICINA DE ENCADENAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 22-C

Telef. 30078

LISBOA

Ciclismo

A Volta à França está quase em meio, sem que nenhum dos grandes azeites tenha jogado a sua cartada. Apesar do compasso de espera, produziram-se várias surpresas, tais como o abandono maciço da equipa espanhola, antes da etapa Bordeaux-San Sebastian, segundo se disse por instigação do velocipedista Berrendero, a desistência de alguns consagrados e comportamento de certos jovens

de reputação pouco estabelecida, como o cadete italiano Magni e o belga Dupont.

Os grandes azeites, Gino Bartali e Fausto Coppi, esperam a oportunidade de se lançarem a fundo mas Gino parece em melhores condições. Os franceses Fachleitner, Marivelli, e Robic parecem (nesta data) bem colocados.

Outranto sucede ao sulco Klüber, ao belga Ockers, etc.

Faltam 6 etapas para a conclusão da Volta que tem 5.272 quilómetros de extensão e vai na 13.ª tirada.

Bons auspícios

A época de atletismo em curso, sendo a primeira de aplicação da nova regulamentação técnica, merece ser apreciada a par e passo para dos seus resultados se extrair os ensinamentos úteis à apreciação do momento actual do atletismo português e julgar a influência da reforma inaugurada sobre a pretendida evolução orientadora dos seus praticantes.

É incontestável que o primeiro torneio de aspirantes foi coroado de êxito e, na sequência dos campeonatos das categorias, sucederam-se as marcas de boa classe. Uniformizados os programas, passou a ser fácil o confronto de valores e o julgamento das possibilidades.

Neste ponto do ano activo, quando os seniores vão entrar em cena, é reconfortante verificar quanto é avultado o saldo positivo do balanço das competições entre novos.

O resultado número um, o mais surpreendente, é aquele alcançado por Jorge Abreu nos 200 metros; 22,3 fica sendo o quarto resultado nacional, apenas ultrapassado pelo recorde de Nuno Morais (22,1 s.) e pelos 22,2 s. de Gentil dos Santos e Sampaio Peixoto.

O mesmo atleta, com 52 s. nos 400 metros, entra em 8.º lugar no rol dos melhores portugueses, após Sampaio Peixoto, Artur Dias, Matos Fernandes, Francisco Bastos, Barreiros Gomes, Domingos Canhão e João Jacinto.

No salto à vara, modalidade tão pobre do nosso atletismo, um especialista acusa

extraordinário progresso: **Prista Caelano**, com os seus 3.^m45, sobe ao 6.º posto da tabela das mulheres, seguindo-se a Boaventura, Martins Vieira, Montalvão, Santos Vieira e António Santos.

Luis Falcão é o terceiro melhor; com 1.^m80 em altura iguala a 7.ª marca nacional e no triplo-salto, embora balendo o recorde dos juniores (que nem é o recorde absoluto português, nem se substituiu a Luis Alcide, como um jornalista pouco ao corrente destes assuntos escreveu num semestário da especialidade), não sobe na tabela porque já ocupava o 4.º lugar com um salto superior ao de agora, 13.^m825, em 11 de Julho de 1948, nos campeonatos regionais de seniores e que por isso não pôde ser homologado como recorde junior.

Mas não ficam por aqui as proezas da «promoção 1949»: **Mário Lourenço**, com 16,2 s. nos 110 metros-barreiras entra no ano de estrear para o 8.º lugar; **Casimiro Lúcio**, na tabela da légua instala-se no 21.º posto, mas há-de subir alguns degraus antes do fim da temporada e **Alvaro Mendes**, no triplo-salto, dá um autêntico pulo do 29.º lugar para o 7.º, na cola de **João Vieira**, **Alcide**, **Espírito Santo**, **Falcão**, **Carlos Oliveira** e **Eduardo Matos**.

Não temos grande queda para profeta, mas pode muito bem acontecer que alguns destes rapazes venham a ser campeões de Portugal absolutos em Agosto próximo.

S. C.

A XIV Volta a Portugal

em bicicleta

A prova desportiva mais popular começa amanhã a disputar-se prolongando-se até 7 de Agosto

A XIV «Volta a Portugal» em bicicleta, que é a prova desportiva mais popular entre nós, começa a disputar-se amanhã à noite, na pista do Lima, no Porto. Como de costume, a grande corrida tem despertado extraordinário entusiasmo em todo o país, sendo o seu começo aguardado com muito interesse.

A prova é dividida conforme as etapas que indicámos oportunamente, no sentido representado pelo gráfico publicado. É natural que sejam introduzidas algumas rectificações de pormenor, devendo no entanto ser pequenas. A alteração mais importante corresponde ao troço da Figueira da Foz a Coimbra, pelo desvio do itinerário por Mealhada, Luso, Mortágua e Penacova, de modo a que a entrada dos corredores se faça pela Avenida de Beira.

Tem-se elevado grandemente o número de clubes e corredores inscritos. Deve, por isso, atingir-se o número-recorde de inscrições.

Os corredores inscritos até sábado

Académico (Porto) — Domingos de Carvalho, Isaac Moreira, Jerónimo Souto, Manuel Cardoso, Manuel Moreira, Armando de Sousa, João Gueguen, Renato Floch e Rogério Chupin (franceses).

Boavista (Porto) — Alexandre Mendes, Cândido Moreira, Manuel Gomes, Dino Lambertini e Mário Viciat (italianos).

Campo de Ourique — Albano Coelho, Alfredo Isácio, Carlos Dias, Herculano Constantino, Joaquim Anacleto e Rafael Correia.

Arroios — António Marques.

Futebol Clube do Porto — Amandio Cardoso, Dias Santos, Fernando Moreira, Joaquim Costa, Joaquim Sá, Moreira de Sá, Abílio Lambertini (italiano) e Jorge Valmitjana (argentino).

Ginásio de Tavira — António Justo, António Mealha, José Cardoso, José Martins II, Manuel Palmeiro e Rolando Palmeiro.

Louletano — Alexandre Cristina, Bernardino Amaro, Francisco do Cerro, Joaquim Apolo, Manuel Apolo e Manuel Barros.

Salgueiros (Porto) — Dias Rocha, Domingos Jacinto, Emídio Pereira, Firmiano Claudino, Helder de Sá, Manuel Pereira e Gimenez Moreno (espanhol).

Benfica — Alberto Coelho, Alfredo de Oliveira, António Maria, Edgar Marques, Guilherme Jacinto, Império dos Santos, João Rebelo, José Martins, Onofre Tavares e Santos Gonçalves.

Sporting — Duarte Patrício, Henrique Vero, João Lourenço, Júlio Mourão, Meximiano Rola, Felix Bermudez (espanhol), Mario Fezzio e Valentino Ganaxzi (ambos italianos).
Centro Ciclista de Barcelona — Felix Gulix, José Escóla, José Forcar, Manuel Montaña e Ricardo Ferrari.

O Vitória de Setúbal deve apresentar a sua equipa normal.

O Sangalhos não tinha ainda a equipa completa.

Algumas notas sobre a organização da corrida

A estrutura de prova é a que se tornou tradicional — divisão por etapas, apenas três etapas contra-relógio (pista do Lima, por equipas, Porto-Espinho e Vila Real-Tavira); classificação por etapas, e classificação geral individual e colectiva.

Este ano é porém, estabelecido o «Prémio da montanha», destinado aos corredores que se distingam como trepadores na ascensão de determinadas montanhas. O primeiro terá 5 pontos, o 2.º quatro e 3.º três, o 4.º dois e o 5.º um. A classificação final far-se-á pelo melhor resultado, por adição de pontos. A primeira contagem de pontos para este prémio é feita, no alto do Luso.

MÁRIO DE OLIVEIRA

Luta de tracção à corda



Está a disputar-se, sob a organização da F. N. A. T., havendo-se chegado à fase final, o campeonato nacional de luta de tracção à corda. Publicamos a fotografia das equipas da Fábrica Carvalhinho (do Porto) e da Casa do Povo do Lago (de Braga) que participaram no Torneio, respectivamente, em 1.ª e 2.ª categorias, ficando apuradas finalistas

ANTES DE COMEÇAR A «VOLTA»...

O FESTIVAL DE CICLISMO na pista das Salésias

Foi muito interessante o festival de ciclismo efectuado no último domingo na pista das Salésias, prelúdio da Volta a Portugal que amanhã se inicia. Publicamos várias imagens desse Festival, a que concorreram ciclistas do F. C. do Porto, Louletano, Salgueiros, Belenenses e Campo de Ourique.

AO LADO, DE CIMA PARA BAIXO — Uma fase da corrida «eliminação», para amadores. — Os independentes em acção na «americana». — Os portuenses Joaquim Costa, à esquerda, e Valmiljana, preparam-se para tomarem parte na corrida. — Um aspecto da prova «australiana» para amadores

EM BAIXO — A equipa do Benfica (Onofre Tavares, à esquerda, e Império dos Santos) vencedora da corrida «1 hora à americana». A' ESQUERDA — José Martins, amparado pelo maçagista Angelino Fontes, deixa a pista do Belenenses após o desastre que o obrigou a abandonar as provas. A' DIREITA — A equipa do F. C. do Porto (Valmiljana, à esquerda, e Joaquim Costa) que venceu a prova de «perseguição»

